

Ser e estar em um mundo pandêmico: marcas da Covid-19 na subjetividade

- Subjective individual and social marks in the being as a result from the Covid-19 global pandemic

Débora Cristina Fonseca¹

“A alma vale e pode o que vale e pode seu corpo.
O corpo vale e pode o que vale e pode sua alma.”
(CHAUI, 1995, p. 66)

Resumo: Apresentamos um ensaio reflexivo, com base nos pressupostos sócio-históricos de conceituação de personalidade e identidade. Nessa perspectiva, a compreensão de qualquer fenômeno só pode ocorrer em sua totalidade e materialidade, em seu contexto histórico e social. Dessa forma, analisamos as marcas da pandemia, da Covid-19 e do isolamento social, na constituição humana; e de modo mais específico, no ser e estar no mundo pandêmico, imerso em contradições e potencialidades. Indicamos aspectos contraditórios que perpassam essa vivência e os modos como afetam subjetivamente cada um, nas dimensões coletiva e particular, em contextos diferenciados, entre eles: negação e medo; confiança e fé; barbárie e cuidado; necessidade e empoderamento. Para finalizar, apontamos a dimensão ético-política como caminho de ressignificação do mundo pandêmico e dos modos de nele ser e estar, pelo implicar-se solidariamente. Nesse caminho, refletir as possibilidades de compreensão da vivência humana que respeite a dignidade humana em suas diferentes dimensões.

Palavras-chave: Subjetividade. Pandemia. Formação humana. Sofrimento ético-político.

¹ Doutorado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Biociências da UNESP, campus de Rio Claro-SP. debora.fonseca@unesp.br

Abstract: We present a reflective essay, based on the socio-historical assumptions of conceptualization of personality and identity. In this perspective, the understanding of any phenomenon can only occur in its totality and materiality, in its historical and social context. In this way, we analyzed the marks of the Covid-19 pandemic and of social isolation, in the human constitution; and more specifically, in being in the pandemic world, immersed in contradictions and potentialities. We indicate contradictory aspects that permeate this experience and the ways in which they subjectively affect each one, in the collective and particular dimensions, in different contexts, among them: denial and fear; trust and faith; barbarism and care; need and empowerment. To conclude, we point out the ethical-political dimension as a way of giving new meaning to the pandemic world and of the ways of existing as personal and social beings in it, by getting involved in solidarity. In this way, we invite to reflect the possibilities of understanding human experience that respects human dignity in its different dimensions.

Keywords: Subjectivity. Pandemic. Human formation. Ethical-political suffering.

Introdução

O nosso modo de ser e estar no mundo se constitui historicamente, em nossas diferentes experiências, nas relações sociais e comunitárias. Essas experiências nos permitem a construção de uma personalidade e identidade. Na perspectiva sócio-histórica, a compreensão de qualquer fenômeno só pode ocorrer em sua totalidade e materialidade, em seu contexto histórico e social. Os fenômenos sociais e nossas experiências de ser e estar sempre se dão em movimento, de forma dialética. Ou seja, a historicidade e dialeticidade se fazem presentes nos fenômenos considerados subjetivos, como o atualmente vivenciado, nos quais as ações preventivas à contaminação pelo novo coronavírus dependem de cada um de nós e do coletivo. Nesse sentido, o eu se constrói na relação com o outro, ou seja, “Os estados subjetivos – isolados do espaço e de suas causas, não existem por si mesmos. E pela mesma razão, tampouco pode existir a ciência que os estuda”. (VIGOTSKI, 1999, p. 26)

Nessa perspectiva é que nos propomos a refletir neste texto, sobre as marcas da pandemia, da Covid-19 e do isolamento social na constituição humana, de modo mais específico, sobre o ser e estar no mundo pandêmico e suas potencialidades.

Partimos do entendimento de personalidade como marcas pessoais, constituídas no processo de individuação, significadas na cultura e particularizadas na vivência pessoal, bem como a identidade, como um processo múltiplo e mutável, que se constitui nas interações sociais, a começar pelo nome, que localiza cada um em seus diferentes espaços sociais (família, escola, comunidade, trabalho). Cada um de nós, sendo um, também se faz muitos. Em cada papel social que desempenhamos, estão presentes as marcas do humano que nos constituem (PINO, 2005). Ainda, recorrendo a Leontiev:

Uma situação psicológica real, gerada pelo cruzamento de liames do sujeito com o mundo, nos quais são introduzidos, independentemente de sua vontade, cada uma de suas ações e cada um de seus atos de contato com outras pessoas, requer dele uma orientação no sistema destas conexões (1978, s/p.),

Essa orientação, nomearemos como consciência, entendida como uma “forma de conhecimento explicativo, como também no seu aspecto intuitivo-emocional, e o processo de conscientização deve contemplar desejos, necessidades e emoções individuais e coletivas” (SAWAIA, 1995, p. 50). Assim, a constituição do psiquismo é decorrente da transformação de materialidades concretas em produções simbólicas (Pino, 2005) e, portanto, resultado da conversão do social no individual. Como Aguiar (2007) afirma:

Tendo como certo que a busca da gênese da consciência se dá pela compreensão da atividade significativa, atividade de transformação mediada e instrumental do meio, chega-se ao significado da palavra como uma unidade de análise (que contem as propriedades do todo), unidade esta que apresenta como elementos constitutivos e inseparáveis o pensamento e a linguagem (p. 103-104)

Portanto, nosso modo de ser e estar no mundo carrega essas marcas de nossa história pessoal, social e cultural, dos tempos históricos vividos, experienciados em sua particularidade (REY, 2005). Dos sentimentos e das emoções que se constroem a partir do cotidiano, sob a mediação e construção dos sentidos e significados. (VIGOTSKI, 1999)

Mundo pandêmico e suas marcas

Partindo do pressuposto delineado na introdução e na constituição histórica, observamos que no último século a humanidade e, de modo mais específico, os brasileiros, não se depararam com eventos que pudessem colocar em risco sua vivência social de forma generalizada; ou seja, sabemos que diferentes grupos, por questões raciais, culturais ou outras já experienciam o isolamento social e o medo da morte. Entretanto, de forma geral, são invisibilizados, em processos de exclusão perversas e genocidas. Esse debate pode

ser compreendido em diferentes manifestações artísticas, culturais e análises realizadas por autores de diferentes áreas do conhecimento. Compreendemos que qualquer discussão sobre a constituição humana, deva se atentar às marcas profundas que se inscrevem na experiência concreta e simbólica de todos e cada um de nós.

Deste modo, eis que o ano de 2020 apresenta à humanidade uma experiência diferente do que até então se podia imaginar. Um vírus com alto potencial destrutivo de vidas, se espalhando pelo mundo, sem qualquer fronteira ou classe social. Um vírus de gripe, denominado Covid-19, de fácil transmissão e contaminação, que coloca em xeque os modos de constituição humana, qual seja, das relações sociais, das trocas afetivas e de formação identitária.

Em um primeiro momento, observamos de longe, sem compreender a dimensão desse cenário, em um contexto mundial de negação e incredulidade.

Na constituição humano-histórica e social, nos últimos cem anos, se produziu a crença de que a supremacia da inteligência, religiosa e econômica poderiam imunizar as sociedades, ou parte delas, desse tipo de ameaça, qual seja, de uma doença ou contágio por um vírus, haja vista as diferentes condições sociais, econômicas e políticas. Nunca se supôs que um vírus com potencial letárgico pudesse afetar a todos e todas, "a priori" independentemente de aspectos econômicos, sociais, políticos, religiosos ou outros. O que não se mantém ao chegar a uma sociedade extremamente desigual, principalmente em seus aspectos econômicos e educacionais.

Esses elementos, somados a outros de ordem pessoal, podem explicar a incredulidade sobre este momento. Com o vírus e seu potencial destrutivo, tiveram início as orientações de como se proteger, de como se defender dessa ameaça. Uma narrativa que, aos poucos foi evidenciando o mito de democracia ou falsa democracia do vírus e adoecimento envolto nesse processo, haja vista que o procedimento indicado pelas autoridades em saúde foi o isolamento social.

Passemos então à análise desse fenômeno e suas repercussões nas experiências pessoais e coletivas que marcam o modo de ser e estar no mundo para cada sujeito. Retomando nosso pressuposto de formação humana, em uma perspectiva psicossocial, que compreende a subjetividade como uma dimensão concreta da vivência de cada sujeito, bem como o modo como cada um age e reage ao mundo como manifestação dessa constituição subjetiva significada por cada um. Nessa perspectiva, o isolamento social exige que os sujeitos se revejam no modo de ser e estar no mundo, contrariando o modo de vida e significação até então experienciados e norteadores da cultura ocidental capitalista, mediadas pelo consumo de produtos, de ideias e de modos de ser.

Essa nova configuração/exigência vai impactar de diferentes formas, provocando ações contraditórias e perigosas. Algumas dessas manifestações

humanas, de modo mais específico, no contexto brasileiro, que atravessa um momento político complexo, de negação de direitos e exacerbação da supremacia branca e econômica, pelo uso de práticas autoritárias travestidas de democráticas, carregadas de senso comum ideológico e negação da ciência, nos colocam a refletir sobre a vivência e constituição humano-genérica-particular pautada em sentimentos duais, entre os quais destacamos: a) negação e medo; b) confiança e fé; c) barbárie e cuidado; d) necessidade e empoderamento.

Essas diferentes formas de enfrentamento do novo vai marcar substancialmente cada um, exigindo um posicionamento individual e coletivo, uma compreensão do eu no todo e com o todo. Enquanto se indica o isolamento social, cada vez mais se exige de cada um, contraditoriamente, a coletividade. O modo de ser, pois, exige uma ação individual de auto proteção, ao mesmo tempo em que coloca cada um responsável pelos outros, portanto ação também coletiva, diante de um “vírus” potente de transmissão e destruição do eu-outro.

Essa dimensão da incerteza, presente na experiência com a Covid-19, desencadeia contraditórios modos de ser e estar no mundo. Por não ser visto, o vírus é temido por alguns e negado por outros. Como enfrentar um vírus que pode ser inofensivo para algumas pessoas e altamente destrutivo para outros? A contradição se coloca no fato de que, em sendo um ou outro, o possível coletivamente é o isolamento social/individual. Essa contradição vai se exacerbando, haja vista que somente pela negação é que o sujeito consegue não se isolar. Quando deseja o bem comum, ou de respeito à dignidade humana, no reconhecimento de si no outro, o sentimento de medo e culpa domina, constituindo-se em fator protetivo individual e coletivo.

Portanto, o vírus, por sua característica, desencadeia dois sentimentos que sustentam a vivência humana e, por vezes, os preconceitos, quais sejam, a fé e a confiança, como define Heller (1970): “o sentimento que sustenta o preconceito é a fé” e está em oposição ao saber, ou seja, resiste sem abalos ao pensamento e a experiência; haja vista que “se apoia em sua relação com os objetos da fé e com a necessidade satisfeita pela fé (p. 48)”, enquanto a confiança apoia-se no saber, que se modifica, sendo refutado pelo pensamento e pela experiência. Tratamos aqui dos sentimentos que parecem sustentar as diferentes formas de enfrentamento da pandemia. Esses sentimentos e contradições permeiam a todos, principalmente aos brasileiros, num contexto na qual se faz forte uma retórica negacionista da ciência, em favor de um grupo reacionário, que impõe a descrença e negação como forma psíquica de manutenção da convivência social e manutenção da ordem econômica.

Nós nos questionamos constantemente: como podem desacreditar da ciência?. Essa relação entre fé e confiança ajuda a compreender como psicologicamente cada sujeito adere aos discursos de ódio e violência ou mesmo

narrativas negacionistas da ciência diante de muitos dados e informações científicas. A fé consiste no sentimento que permite ao humano, em sua constituição psíquica, desumanizar o outro e, desta forma, não o reconhecer como igual, portanto ameaçá-lo pelo não isolamento social. Sustenta discursos que exigem que a economia volte a funcionar, ou mesmo, naturaliza a morte de determinados grupos, como o dos idosos. Essa lógica, construída por um grupo com determinados interesses, coopta pela fé, uma massa que vivencia o novo, sem qualquer parâmetro de certeza ou controle sobre esse cenário.

Enquanto outros, atônicos e mobilizados pela confiança, principalmente na ciência, vivem aterrorizados. Esses, dominados pelo medo, pela incerteza e insegurança momentânea e futura, são mobilizados pela necessidade de ações que exigem solidariedade e isolamento, vivenciando contradições profundas em seu modo de ser e estar no mundo nesse momento pandêmico.

Todo esse cenário impacta e produz, sorrateiramente e psicossocialmente, outras formas de adoecimentos. As angústias e incertezas, exacerbadas pelo isolamento social, produzem ansiedades, depressão, estresse, solidão, cansaço, desesperança e o aumento de ideias suicidas, o que denominamos de sofrimentos. Entretanto, o não reconhecimento do sofrimento do outro configura-se como uma prática de barbárie, de negação do cuidado pelo estado ou pela sociedade, não se afetando psicologicamente pelo elevado número de mortes, a exemplo do que uma autoridade política brasileira manifestou diante do aumento no número de casos: *“Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia”* ainda *“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”*.

Do sofrimento e da barbárie, destacamos a dimensão ético-política. O mundo pandêmico parece estar produzindo outras formas de sociabilidade, mediadas pela virtualidade das relações, pelo medo do outro, pelo medo de si e do futuro. Essa nova forma de constituição subjetiva, marcada pelas vivências concretas no mundo pandêmico, se entrelaça com sentimentos de solidariedade, de reconhecimento do outro como igual e de pertencimento pela exclusão.

Essa nova sociabilidade, provocada pela pandemia e, de modo mais expresso, pelo isolamento social, carrega em si grandes potencialidades. Isso que significa, segundo Sawaia, “atuar, ao mesmo tempo, na configuração da ação, significado e emoção, coletivas e individuais” (1999, p. 113). Potencializar, na perspectiva da autora “pressupõe o desenvolvimento de valores éticos na forma de sentimentos, desejo e necessidades, para superar o sofrimento ético-político” (p. 114).

Potencialidades no sentido de promover relações mais fraternas, humanas e educativas, bem como pela exacerbação das desigualdades, diferenças e violências, ou seja, da barbárie. Refiro-me aqui ao acirramento de

práticas autoritárias e a necropolítica vigente no estado brasileiro.

Considerando que a constituição humana se dá nessas contradições, talvez a saída possível esteja no desvelamento dessas dimensões produzidas pelos novos modos de vida, pelo fortalecimento de pautas democráticas e de direitos humanos, bem como pela denúncia de práticas autoritárias e desumanas. Ainda, no reconhecimento da afetividade e das emoções como constitutivas do psiquismo humano, particular e coletivamente. Como aponta Sawaia (1999): a política de afetividade dominante, se particulariza em referências emocionais que medeiam a afetação ou seja, como cada um vivencia essa experiência concretamente.

No desenvolvimento da consciência individual, esses sentimentos devem ser observados, pois estão na base de nossas ações ético-políticas. E para Lane (1999) a emoção está também no que sustenta ideologias, “pois existem laços entre a subjetividade e os papéis institucionais que devemos assumir como ‘naturais’” (p. 24).

Na constituição subjetiva ou psíquica, esses sentimentos devem ser entendidos como implicação, construída nas relações sociais. Na perspectiva espinosiana, significa reconhecer a implicação com algo ou alguém, com o próprio ato de pensar, sentir e agir dos seres humanos, considerando-se que o processo de objetivação e subjetivação são interdependentes e constitutivos no desenvolvimento do homem e de sua singularidade (MIURA; SAWAIA, 2013).

Em uma perspectiva de que as necessidades não são naturais, mas social e historicamente produzidas, elas mobilizam ações. Como afirma Leontiev (1978): “A primeira condição de toda a atividade é uma necessidade” (p. 115). Neste sentido, temos a oportunidade de ressignificar as necessidades marcadas pelo individualismo, que geralmente recai no particular e que toma o outro como inimigo. O contexto pandêmico, pode mobilizar, como potencialidades, outros modos de sociabilidade, no empoderamento coletivo de novas ações e defesas da dignidade humana, (VIGOTSKI, 2001). Trato aqui da dimensão ético-política e do desafio do reconhecimento de si no outro (sentir com).

Com o mundo virtual, em um caminho sem volta, dominando as relações cotidianas das populações, temos um instrumento potente de produção desses modos de vida. O desafio está em como humanizar o que surge desumano, como produzir confianças e não fé intercambiados por meios digitais, como desenvolver sentimentos efetivos de implicar-se de reconhecimento do sofrimento, que afeta o outro e, desse modo me afeta subjetivamente, na dimensão humano genérica (HELLER, 1970).

A constituição da personalidade e identidade de crianças, irremediavelmente está marcada, nesta e nas próximas gerações, por esse fenômeno. Desenvolver a potencialidade desses instrumentos será, com certeza, o gran-

de desafio para a manutenção da vida humana, sob risco de se vivenciar um potencial destrutivo ainda maior que o Corona Vírus-Covid-19, como é conhecido.

A exigência por novos modos de relações sociais, seja pelo uso de máscaras, distanciamento social, pode trazer um acirramento das desigualdades sociais, da violência e do genocídio de populações mais empobrecidas. O que muitos já vivenciam em sua constituição subjetiva, como por exemplo, a experiência de ser negro em uma sociedade racista, constitui marcas profundas no modo de ser de crianças, adolescentes, adultos e idosos negros. Passaremos a vivenciar essas marcas em relação ao risco de contaminação e não cuidado enquanto política pública excludente.

Esse novo modo de ser e estar no mundo pós pandemia deve caminhar na contradição entre o auto cuidado, cuidado do outro e o fortalecimento da luta pela garantia de direitos fundamentais a todos, pelo incremento das políticas públicas de saúde, educação e bem estar social. Faz-se necessário considerar a dimensão do sofrimento ético-político, que significa tratar da exclusão pela perspectiva “dos que a vivem e refletir sobre o cuidado que o Estado tem com seus cidadãos”, portanto, pensar as políticas públicas pelo “(des)compromisso com o sofrimento humano pelo aparato de estado, pela sociedade e pelo próprio indivíduo”. (SAWAIA, 1999, p. 99).

Essa luta deve ser um caminho, uma marca subjetiva de todos, ainda que em lugares diferentes e que só pode ser traçado pela compreensão de dignidade humana, de reconhecimento de cada um no outro, ou seja, de que aquilo que afeta o outro, também me afeta, pelo sentir com e não do sentir por.

Em uma sociedade desigual e pelo modo como compreendemos a constituição humana, sabemos que mesmo sendo seres social e historicamente constituídos, nunca podemos sentir pelo outro, pois o outro constitui-se em uma particularidade, decorrente de suas histórias de vida e de experiências concretas, mas podemos sentir com, ou seja, implicar-se com o outro. Como afirma Sawaia (1995, p. 167): “Consciência, atividade e afetividade se encadeiam e se determinam reciprocamente”, e nesse sentido:

a dimensão ético-valorativa é sócio-histórica e conseqüentemente político-econômica, tanto que o sofrimento psicossocial varia quantitativamente e qualitativamente, segundo o contexto social e, em cada um deles, segundo a classe social, o trabalho profissional, a idade, o gênero, bem como variam as ideologias defensivas que o acompanham (SAWAIA, 1995, p. 165).

Essa é a marca fundamental da pandemia e de (sobre)vivência diante da doença, principalmente se considerarmos o contexto brasileiro, de grandes desigualdades. Um dos elementos que se evidencia é a solidariedade, não como um valor moral assistencialista, mas que se coaduna ao ‘sentir-se com’. Como afirma Guareschi: “Solidariedade vem de sólido, e não se entende fora

do social. Solidariedade é a união de diversos na defesa de cada um” (2000, p. 20).

Ensaio de (in)conclusões

As possibilidades de compreensão da vivência humana que respeite a dignidade humana em suas diferentes dimensões sociais, culturais e particulares, me parece ser o caminho ético-político, bem como um dos grandes desafios do mundo pandêmico e principalmente pós-pandêmico.

Exige um exercício pessoal e coletivo de compreensão dessas necessidades. O caminho está na formação humana, na mobilização em diferentes espaços formativos, como a escola que conjecturamos como antes. Nossas crianças, que vivenciam este mundo pandêmico, experiência que gerações anteriores nem sequer sonharam, podem apreender, com a mediação do adulto, outras formas de ser e estar no mundo que reconheçam a humanidade e a solidariedade, pelo caminho da dignidade humana em sua diversidade cultural, social e histórica.

Referências

- CHAUÍ, M. *Espinosa - uma filosofia da liberdade*, São Paulo: Ed. Moderna, 1995.
- HELLER, A. Sobre os preconceitos. In: HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 4. ed., 1970.
- GUARESCHI, P. Ética, Justiça e Direitos Humanos. In: COIMBRA, C. M. B (org.). *Psicologia, ética e direitos humanos*. São Paulo: Casa do Psicólogo. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2000.
- LANE, S. T. M. Os Fundamentos Teóricos. In: LANE, S.T. M.; ARAÚJO, Y. (org.). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999. p. 13-33.
- LANE, S.T. M; SAWAIA, B. B. (org.). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.
- LEONTIEV, A. N. *Actividade, consciência e personalidade*, 1978a. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000004.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. São Paulo: Editora Moraes, 1978b.

MIURA, P. O.; SAWAIA, B. B. Tornar-se catador: sofrimento ético-político e potência de ação. *Psicologia & Sociedade*, Recife, 25(2), 331-341. 2013.

PINO, A. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski*. São Paulo: Cortez, 2005.

REY, F. G. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo – Pioneira Thomson Learning, 2005.

SAWAIA, B. B. Psicologia Social: aspectos epistemológicos e éticos. In: LANE, S.T.M.; SAWAIA, B. B. (org.). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

SAWAIA, B. B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: RJ: Vozes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.